

Desiderium Desideravi

Ir. Elvo Clemente
PUCRS

Maria Elisa Carpi surpreendeu em 1990 o público com os poemas **NOS GERAIS DA DOR** com notável repercussão que lhe mereceu o Prêmio Escritor do Ano, outorgado pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre. A trajetória vem de longe, muitos poemas guardados, muita produção na sombra até o momento em que a luz vem e faz brilhar o diamante facetado da inspiração. No livro como diz o título, a temática e a estrutura manifestam a profundidade da dor humana, do coração dilacerado, do corpo despedaçado. Não fica nos "GERAIS", entra na intimidade mais profunda do ser, no âmago onde apenas o EU e Deus têm acesso...

Desiderium desideravi, denominação latina (desejei o desejo) colhida do Evangelho de Lucas (22,15) cuja tradução: "Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de sofrer". A expressão toma uma força especial se analisada no contexto bíblico e na circunstância do momento da vida de Jesus Cristo.

Desiderium desideravi é poesia veemente, marcada com o vigor do mais profundo Amor. O livro apresenta-se em oito cantos e um epílogo, cujos títulos não observam uma seqüência lógica de raciocínio: **Árvore, Água, Fruta, Fogo, Luz, Pedra, Voz e Desejo**. Na seqüência da temática domina a **ÁRVORE** com profundas raízes, tronco, ramos, folhas e fruta. **Árvore é vida, é crescimento, é desejo de se perpetuar**. Desde o relato bíblico do Gênesis, a árvore estava no paraíso: Da árvore veio a queda, da árvore surgirá a salvação. **Árvore do Éden, árvore do Calvário**. A árvore estava entre água fertilizante do rio de quatro braços que regava o jardim. **Árvore do bem e do mal, a árvore da vida e da morte**. A fruta proibida e o desejo a crescer, a se transformar em tentação.

O desejo de provar da árvore do Bem e do Mal e provindo daí o conhecimento, a experiência humana da queda, da infelicidade, da miséria e da morte...O desejo é definido, é sintetizado, é sensação e vivência em duas estrofes do canto oitavo, no clímax da exaltação:

*O desejo do corpo
no corpo, é diáfano
fogo que a água consome.
O desejo do corpo
na alma, é espesso
rosto que a água carrega.*

*O desejo da alma
na alma, gota
que o fogo retira do mar.
O desejo da alma
no corpo, labareda
que água conduz
ao refrigerio
da ardente Árvore. (4ª Capa - p. 71)*

O prazer estético repercute no íntimo do leitor ao ritmo dos versos, à sucessão das estrofes e à surpresa dos cantos.

Possui, não se compreende, percebe-se pela inteligência afetiva como escrevia o Mestre Alceu Amoroso Lima.

A morfossintaxe está nos poemas como suporte lingüístico sobre o que está assentada a beleza, o inédito do ser que vive e palpita nos versos.

O livro está entrelaçado nos ramos e enfeixado pelo Epílogo.

As estrofes apresentam variadas estruturas: dísticos, tercetos, quartetos, quintilhas e até estrofe de um verso. As variantes da composição dos poemas dão um movimento ora repetitivo ora incoativo, ora lânguido ou quebrado. Tudo isso traduz o ritmo interior como que o respirar e arfar do desejo nos oito cantos.

Observe-se o tom contraditório, fantástico do poema nº 1, da Árvore:

*Voei sem saber se eram reais
as asas que me levavam. Mas,*

*em verdade fui carregada
para além de meu nascimento*

à desconhecida Árvore.

*Ter chegado não é bater
à porta da Eternidade.*

*Ter chegado é quando o Eterno
vem à nossa casa e vai entrando. (p.7)*

A pontuação é estranha e significativa, como também a abundância de enjambements. Há um seccionamento do fluir dos versos, ao lado do nexos lógico e sintático entre uma e outra parte da estrofe ou das estrofes.

O verso solitário formando estrofe significa a força de sua expressão, a auto-suficiência e ao mesmo tempo a fragilidade de sua sustentação.

Observe-se a solenidade do verso-estrofe com que inicia o poema nº 3.

Minha árvore eu a vi passar(p.7)

E o poema termina com duas estrofes de um único verso:

*A árvore me provou e disse:
ainda não está madura.*

Ainda não te nasceram os olhos. (p. 7)

Caprichoso e arteiro é o modo de apresentar o poema 9 do Canto - Água:

*Aqui não encontrarás os frutos,
mas as sementes. E elas precisam
de teus rios.*

*Enquanto dormes, vou clarear
o dia; (p.17).*

A quebra do ritmo dos versos longos e versos curtos com a pontuação intercalada e rasgando a censura é constante.

O canto nº 2 conclui com uma estrofe de alto sentido amoroso, e erótico:

*.....Se houver
silêncio e somente
silêncio do sol e
da água silenciados,
é porque - amor e eu -
somos boca a boca (p. 21)*

O Canto nº 3 - Fruta, o poema 12 inicia com a estrofe de um verso e continua com quatro dísticos para encerrar com o verso formando estrofe.

Tudo me dispersa. Uma

*boca me dispersa para
uma fruta, uma fruta*

*me dispersa para um
pássaro, um pássaro*

*me dispersa para uma
estrela, uma estrela*

*me dispersa para uma
fonte. Mas, em coisas*

de Amor, sou toda ouvidos. (p.29).

O quarto canto - Fogo, contra põe-se à Água, põe em risco a Árvore e a Fruta, mas traz em si a forte conotação de Amor, do calor...

Há uma vibração incontida em todos os dez poemas que dão forma a este Canto. A expressão continua no verso seccionado pela pontuação e enlaçado pelos enjambements:

*Está tudo pegando fogo
e mais se aviva o verdor*

*e a frescura. E mais borbulha
a água e sopra a brisa dentro
do fogo e sua nascente. (p. 37)*

A Luz no quinto canto resplandece nos dez poemas, concluindo a trajetória com os dísticos:

*A luz que brilhava em torno,
por mais intensa, era tênue*

*névoa e assim se dispersa
quando um tal ventre carregou*

*a Luz incriada. À Luz sempre
apeteceu vir à luz, numa noite*

*velada, clareando todo o sítio
com um coro de vozes. Ao ver*

*que o Corpo da Luz crescia,
outra luz de igual desmedida,*

*como uma pomba que pairasse
no ar, disse: eis meus olhos.*

Não resta dúvida de que o poema traz o sabor daquela noite santa em que veio ao mundo o Deus humanado, o Homem-Deus, na gruta de Belém, sob o docel esplêndido de miríades de estrelas de luz.

O sexto Canto - Pedra, mais breve com intensa tonalidade lírica no jogo contraditório dos oximorons, une na dureza a liquidez da água e a maciez da aurora. Os versos perambulam entre sinestésias e imagens novas e renovadoras. Veja-se o poema 2:

*A nascer da pedra
a água viva,
crestam-se-me os lábios.*

*A nascer da pedra
a maciez da aurora,
endureceram-me os olhos.*

*A nascer da pedra
o sopro e as ramadas verdes,
desfolha-se-me o rosto. (p. 49).*

A aspereza, a dureza, a solidez da rocha evocada nos textos bíblicos quer nos salmos quer nos provérbios, formam conotações que ampliam os horizontes da visão do desejo e assim inicia o poema 7:

*Repousa na pedra, em mim,
Espírito do Desejo. (p. 53).*

O sétimo Canto-Voz mistério do espírito, fruto do sopro, constitui outro elemento de raiz bíblica, da tradição judeo-cristã; como se intitula o último profeta e o precursor do Cristo, João Batista - "Vox clamantis in deserto" (Mt. 3,3). A voz, a palavra de Deus, está no momento genesíaco do mundo, das coisas e das pessoas:

*A voz que me chamou
teceu a meu corpo
um luminoso vestido
sombrio—(p. 57).*

A voz percorre espaço imenso nas vidas e nos acontecimentos, no entrelaçar de figuras, de imagens, de metáforas em cascatas de sons e melodias. O poema 16 é sobremaneira significativo lírico, amoroso.

*Sua voz era rouca,
a do amor cristalina.*

*Sua voz perguntava,
a do amor respondia.*

*Sua voz tinha brumas,
a do amor resplandescia.*

Em silêncio desatado,

*deixou que o Amor,
por ela, discorresse. (p. 63)*

O oitavo Canto - Desejo, fecha a seqüência dos elementos postos à disposição do leitor, da pessoa amante da Poesia, do Belo e do Amor. É a resposta prolongada e decisiva do *Desiderium desideravi*, em dezoito poemas no estilo de contradição e profunda ironia como se lê no poema 2:

*O que nos separa
não é uma parede,
mas uma árvore;*

*O que nos separa
não é uma pedra,
mas uma fonte;*

*O que nos separa
não é o ódio,
mas o amor.*

*O que nos separa,
não é o fogo, mas*

*a consetida boca
do Desejo. (p. 67).*

Toda a vida desde o primeiro instante mesmo antes do amplexo fecundante do amor já existe o Desejo, força de todo o ser vivo, força de toda a criação. Desejo eterno no coração de Deus torna possível a existência dos seres espirituais e dos seres terrestres. É tão bela e impressionante a afirmação: "De um amor eterno eu te amei"! A própria sabedoria divina, Jesus Cristo, é chamada de "Desejo das colinas eternas..."

O livro dos provérbios descreve com vozes poéticas a presença eterna da sabedoria:

"O senhor me possuiu no princípio de seus caminhos, desde o princípio, antes que criasse coisa alguma. Desde a eternidade fui constituída, e desde o princípio, antes que a terra fosse criada" (Prov. 8,22-23).

Desde sempre o Desejo estava presente na sabedoria do amor que:

"muove il sole ed altre stelle" (Dante)

Em tudo há mistério do desejo, o véu que cobre o esplendor do ser pois

"A vida é um véu sobre o Rosto" (p. 74).

No jogo do claro-escuro, do revelar o irrevelado na superfície e no interior.

*—Tudo ao redor
era dentro porque estavas
Tu no centro. Ao te ver,*

*inunda-se a vida no Desejo
que nos põe em movimento. (P. 75).*

O epílogo é a coroa das sete colunas sobre a qual se constrói o desejo, a profunda raiz do Amor.

Desiderium desideravi é um novo Cântico dos Cânticos numa feitura moderna, inspirada pela veemência incontida do Desejo.

*A voz toma o plural para dizer:
As vozes não são a voz.*

*Deixa-as passantes,
em seu fulguramento.
Dentro da cava do Desejo,
serás fortalecido de silêncio
como grãos, sem celeridade.*

Nos Gerais da Dor domina o *Desiderium* em sua soberana altivez e infundo abismo de mistério em que o íntimo do ser humano, sonha, vive, luta, sofre, triunfa, cai e se liberta.

A poesia de Maria Elisa desvenda ânsias, descobre belezas na Árvore do paraíso, de Fruta abundante de Desejo, na Pedra da firmeza e do apoio donde brota a Água da Vida, que o Fogo e a Luz são a Voz que jamais silenciará no mais além do Epílogo da VIDA DO AMOR.